



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de sanção de projetos de lei na área de educação: piso salarial nacional dos professores e programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais - Reuni

Palácio do Planalto, 16 de julho de 2008

Vejam, Arlindo e Garibaldi, a diferença de ser presidente e não ser parlamentar. É que se eu falar aqui que estava embriagado, a manchete é a seguinte: “Lula confessa que estava embriagado”. Então, eu não posso nem brincar com isso.

Meu caro senador Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal,

Meu caro deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Meus companheiros ministros Dilma Rousseff, chefe da Casa Civil; Fernando Haddad, da Educação; José Barroso Pimentel, da Previdência Social; Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; Altemir Gregolin, da Pesca.

Governador Wellington Dias, governador do Piauí,

Companheiras e companheiros deputados federais,

Companheiras e companheiros senadores,

Companheiro João Paulo, prefeito de Recife, que falou aqui como presidente nacional da Frente dos Prefeitos,

Meu querido companheiro Gugu. Para quem não sabe, o Gumerindo foi um grande dirigente sindical. Eu tive a oportunidade de participar da sua geração de dirigentes sindicais, nos bons tempos da Apeoesp, em São Paulo. Foi deputado constituinte junto com muitos que estão aqui. Quis trazê-lo para o governo, mas acho que estava ganhando mais no mercado e não quis voltar para o governo. Foi uma alegria te encontrar aqui, Gugu. Acho que o melhor



presente, além de tudo o que já foi dito aqui, foi ver você no Palácio do Planalto, depois de tantos anos.

Companheiros e companheiras profissionais da área de educação.

Eu não ia falar, porque eu acho que o trabalho que o companheiro Fernando Haddad fez nesse período, na educação, mereceria que só ele falasse, da parte do governo. Mas depois nós resolvemos abrir para que falassem o presidente do Senado e o presidente da Câmara. O Cristovam tem razão: muitas vezes querelas são transformadas em grandes notícias e, muitas vezes, coisas importantes como esta não aparecem no jornal. Só para vocês terem idéia, no dia que vocês vieram me entregar o projeto, não saiu uma nota no jornal.

É uma coisa triste da política brasileira, mas compreensível, porque faz parte da democracia, e a democracia exige que a gente, aos trancos e barrancos, copie o Zeca Pagodinho e “deixe a vida nos levar” que, no final, dá tudo certo.

Eu penso que esse é um momento glorioso para o futuro do País. Certamente, nós vamos colher o que foi plantado agora daqui a 10 anos, daqui a 15 anos. A gente vai começar a ver isso germinar já a partir dos próximos anos, mas a gente vai colher mesmo os resultados, as estatísticas, daqui a alguns anos. Possivelmente, alguns de nós nem estejamos vivos para ver isso. Mas o dado concreto é que o passo que estamos dando é extremamente importante.

Acho que todos nós temos consciência de que não tem nada mais digno para uma nação do que ela ser colocada nas estatísticas internacionais com um alto índice de educação. Isso vale mais do que produzir celular, vale mais do que produzir avião, até porque se a gente tiver um alto índice, nós vamos produzir muito mais, muito mais coisas com alto valor agregado, produtos



altamente avançados, do ponto de vista tecnológico. E é para isso que nós queremos caminhar.

O absurdo, companheiros – e eu faço questão de dizer isso sempre que posso – é que em 100 anos, neste País, só tinham sido feitas 140 escolas técnicas, como se formar os nossos adolescentes não fosse algo necessário exatamente em momentos históricos em que a adolescência está entre a oportunidade, a chance, e o crime organizado, o narcotráfico ou, quem sabe, a morte, vitimada pela violência da periferia deste país.

Exatamente nesse período se fez um decreto proibindo o governo federal de assumir a responsabilidade pelo ensino técnico profissional. Nós revogamos o decreto, fizemos outro e temos um compromisso, que eu quero que vocês anotem: até o dia 31 de dezembro de 2010 queremos ter mais 214 escolas técnicas funcionando neste país. Isso se não houver mais pedidos, porque a cada viagem que a gente faz, aparece um prefeito dizendo que a cidade dele é cidade-pólo, é a mais importante da região... Nesses dias passei em uma cidade em que o prefeito me disse: “tem 50 mil habitantes, e lá não tem escola técnica profissional, nem universidade”. A cada uma dessas, a gente vê o Orçamento. Se couber, nós fazemos. Não tem nenhum problema gastar dinheiro com escola, porque ela não vai ficar vazia.

Aliás, Fernando, para que a gente possa demonstrar, seria importante que você começasse a fazer, com o Tarso Genro, uma comparação de quanto custa cada metro quadrado das escolas técnicas ou das universidades que estamos fazendo e quanto custam as prisões de segurança máxima. Assim mostraríamos às pessoas que é muito mais barato, muito mais lógico investir para que as pessoas não virem criminosas, do que tentar cuidar de um criminoso de alta periculosidade.

Então, isso nós fazemos com gosto e tomamos uma decisão no governo, já em 2004, de que era proibida a palavra “gasto” em educação. Todas as vezes que tínhamos uma conversinha: “está precisando de mais 50



contos aqui, de mais 30 contos ali”. “Ah, mas nós não podemos gastar”. Então abolimos essa palavra. Em outras coisas a gente pode até dizer isso, mas em educação e em saúde não podemos dizer que é gasto. É um processo de educação que parece insignificante, mas não é. É muito forte não utilizar a palavra gasto para coisas que são investimento. É como o Bolsa Família. Tem gente que fala: “esse presidente é louco. Ele está gastando 9, 10 bilhões de reais com os pobres. Poderia estar fazendo estradas”. Tem gente que fala isso porque, para uma parte dessas pessoas, pobre é apenas um número estatístico. Não percebem que ele tem alma, tem cabeça, tem coração, quer comer, quer trabalhar, quer estudar.

Ontem eu conversava com uma jornalista e dizia a ela que o maior investimento que estamos fazendo em segurança pública neste País é colocar o Estado onde o povo precisa de segurança. Não com polícia, mas com saúde, educação, lazer, cultura, trabalho. A gente olha o mundo desenvolvido e tem polícia nele todo. Eu fui ao Japão agora, em Hokkaido, participar do G-8. A gente estava em uma ilha e tinha polícia que não acabava mais em todas as cidades que fomos. Você vai à Europa, tem polícia. Então, a polícia é um instrumento do Estado que vale para qualquer coisa. Mas achar que ela vai resolver o problema dos pobres e da violência... Não vai. Ela ajuda. Agora, o que vai resolver é o Estado lá dentro, é as pessoas saberem que quando precisarem o Estado está lá. Oferecendo o quê? O que o povo precisa: oportunidade. Oferecendo aquilo que todos precisamos: chance.

Eu acho que é isso, Fernando Haddad, que nós conseguimos fazer, e temos mais coisas para fazer. Eu disse para o Arlindo Chinaglia que nós temos um conjunto de coisas ainda, da educação, para ser votado na Câmara. Obviamente que agora a Câmara entra em recesso, volta em agosto. Quando o Arlindo voltar, Fernando, nós vamos nos reunir com ele, ou com o Colégio de Líderes, para a gente mapear tudo o que está para ser votado na área de educação e tentar construir, dentro da Câmara e do Senado, as condições para



a gente votar isso rapidamente, para que a gente possa pegar outros temas que são importantes e que o Brasil precisa que sejam votados.

Portanto, eu queria só agradecer à Câmara dos Deputados e ao Senado. Tem brigas, tem divergências, mas eu queria dizer para vocês o seguinte: no fundamental – eu estou há 6 anos governando este País – a Câmara e o Senado sempre colaboraram para que as coisas acontecessem da melhor maneira possível.

Eu, sinceramente, acho que este é um momento glorioso para o País. Não é para um partido político, não é para um deputado ou para um senador, é para o País. Na verdade, o que vocês conseguiram produzir nas duas Casas, e eu sancionei agora, foi uma nova semente de um novo ser humano que nós haveremos de ver nascer neste País. Um ser humano que não esteja sempre a optar entre a morte, o crime organizado, o desemprego, o analfabetismo, mas um ser humano que esteja optando entre as coisas que ele queira fazer na vida.

Tem uma parte dos brasileiros que pode optar. O cara pode optar por ser médico, por ser dentista, por ser advogado. Só não pode optar o que não sabe fazer nada. Aquele que não teve oportunidade não tem opção, ele só faz aquilo que se apresentar como uma oportunidade de ele viver. É aí que o crime organizado, a bandidagem, a criminalidade tiram proveito das situações de desesperança de milhões de jovens.

Eu tenho participado, com o Dulci, do ProJovem, que é um programa, eu diria, pequeno para o tamanho do Brasil. Mas quando você pega um jovem e dá a ele uma oportunidade, dá 100 reais para ele voltar a estudar e aprender uma profissão, tem gente que acha que é gasto. Agora, a cara dessas pessoas, Cristovam, é uma coisa alucinante de ver, a alegria pela chance que elas estão tendo.

Portanto, eu quero parabenizar a vocês. Continuem brigando com o governo, podem continuar fazendo até discurso contra o Presidente, mas na



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

hora de votar as coisas boas votem, porque quem ganha é o Brasil, quem ganha é o povo brasileiro.

Meus parabéns. Muito obrigado. Eu penso que vocês marcaram história no País, com a aprovação dessas leis.

(\$211A)